

Abenizia Auxiliadora Barros

Silvana Maria Bitencourt

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 08

Ensino de Sociologia nas modalidades diferenciadas de ensino

**MULHERES NO EJA: EM BUSCA DO CONHECIMENTO ESCOLAR EM
TEMPOS DE PANDEMIA¹**

Belém, Pará

2021

¹O texto trata-se das primeiras reflexões realizadas para o projeto de dissertação intitulado “De volta para escola: um estudo sobre mulheres estudantes do EJA no contexto de pandemia” e foi elaborado na forma de paper para apresentação no 7º ENESEB.

INTRODUÇÃO

A pandemia do novo coronavírus gerou diversos impactos e desafios para a educação, nesse cenário tanto os estudantes quanto os professores/as desde março de 2020 tiveram seus cotidianos afetados, portanto suas rotinas escolares e familiares. Partindo deste cenário pandêmico, este trabalho analisa a situação vivenciada por professoras e estudantes da rede pública de ensino. Para tanto, optou-se por trabalhar a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola estadual da cidade de Várzea Grande (MT).

Sabemos que a educação é um processo complexo, sendo que hoje em pleno século XXI, ainda há uma expressiva parcela da população que não teve ou não têm acesso à educação, devido às condições socioeconômicas sendo que tal situação agravou-se com a pandemia da Covid-19, principalmente entre as mulheres das classes populares.

A relevância do presente estudo está pautada nos tipos de trabalhos executados pelas mulheres no cenário da Covid-19, pois estas vivenciam uma sobrecarga de trabalho dentro das famílias, pois geralmente são elas as responsáveis pelo trabalho de cuidado, que compreende além do trabalho doméstico, o trabalho de cuidado destinado aos demais membros da família (filhos/as, maridos, pais e mães idosas).

Tomar-se-á como situação problema a crise sanitária e política gerada a partir da pandemia da Covid-19 (CAPONI, 2020), que transformou a vida cotidiana das mulheres professoras e alunas na modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA) de uma escola da cidade de Várzea Grande (MT). Considerando que o trabalho de cuidado incorporado e executado por mulheres em diferentes instituições sociais, seja na escola, na família, no mercado de trabalho entre outras tornaram-se ainda mais evidentes e necessários com a pandemia do novo coronavírus, que exige cuidados em diversos níveis sejam individuais, sociais e ambientais (TRONTO, 2007).

Para tanto, analisaremos as diferentes sentidos do trabalho de cuidado tanto no nível prático quanto teórico, uma vez que esses sentidos não estão isolados entre si, pois a delimitação do conceito está diretamente relacionada ao entendimento das práticas, assim como as práticas são norteadas pelos sentidos que formam esse conceito. Ademais,

neste processo de compreensão do cuidado, se faz necessário abordar a construção social e histórica acerca dele (FEDERICI, 2019) e o entendimento que é compartilhado pelas pessoas que exercem e recebem cuidados.

Considerando o contexto pandêmico da Covid19, houve a necessidade de adequar uma metodologia, que não infringisse as medidas protetivas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) pautadas especialmente nas regras de distanciamento social, portanto, os contatos com as mulheres colaboradoras desta pesquisa foram realizados por meio do aplicativo de *WhatsApp*. Na construção desse trabalho houve a participação de duas (02) professoras da rede pública de ensino atuantes na área de Linguagens e Sociologia e três (03) alunas matriculadas na modalidade EJA.

DESENVOLVIMENTO

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs,2000) para a EJA, essa modalidade deve desempenhar três funções:

Função reparadora: não se refere apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis, pela restauração de um direito a eles negado – o direito a uma escola de qualidade –, mas também ao reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano de ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante.

Função equalizadora: relaciona-se à igualdade de oportunidades, que possibilite oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e nos canais de participação. A equidade é a forma pela qual os bens sociais são distribuídos tendo em vista maior igualdade, dentro de situações específicas.

Função qualificadora: refere-se à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não-escolares. Mais que uma função, é o próprio sentido da educação de jovens e adultos.

Analisando essas três funções percebe-se que inicialmente, a modalidade EJA foi concebida no intuito de suprir a demanda da escolarização de adultos, para fornecer mão

de obra ao incipiente setor industrial brasileiro. No entanto, ela extrapolou essa finalidade primeira e adquiriu outros sentidos pedagógicos e políticos com o passar dos anos, principalmente ao que se refere à possibilidade de retorno de mulheres à sala de aula.

A pandemia da Covid -19 chegou ao Brasil e em curto espaço de tempo escancarou de forma assustadora as desigualdades sociais em todos os segmentos, dentre eles: economia, saúde e educação. Uma vez que, o cenário da educação brasileira no contexto pré-pandemia, já se constatava que os índices não eram animadores, percebemos que a situação ficou ainda mais preocupante com as medidas de isolamento social e consequente suspensão das aulas presenciais, a realidade do ensino foi duramente impactada, principalmente no que tange a educação de jovens e adultos (EJA).

Deve-se ressaltar que o sistema educacional brasileiro não foi pensado para lidar com as situações impostas pela pandemia da Covid19, sendo que professores/as, gestores/as e a família, no caso pais e mães desdobram-se para manter o mínimo de aprendizado. Nesse caso é bem provável que esses esforços não sejam suficientes para fornecer a qualidade da educação oferecida na modalidade remota, e mais uma vez, estudantes das classes desfavorecidas sofrem mais nesta pandemia por inúmeros motivos, e o principal deles é pela falta de um ambiente favorável e com estrutura tecnológica adequada, sendo estes os principais fatores que os impede de acompanhar as aulas remotas.

Ademais, o dano aos/às profissionais e aos/às estudantes é consequência certa, seja a médio e a longo prazo, pois teremos níveis mais baixos de aprendizado e maior número de desistências, ou seja, os/as alunos/as afetados/as pelo contexto da Covid-19 provavelmente serão menos qualificados/as e, portanto, menos produtivos/as do que os/as estudantes de gerações que não tiveram ruptura semelhante no aprendizado, ou seja, não viveram a experiência da educação escolar em um contexto pandêmico.

Diante do exposto, focamos a análise na educação social de Durkheim (2011) como não sendo uma forma de transformação social, mas sim um meio de manter a estrutura social vigente, ressaltando que, o autor defende que a educação deve ser igual para todos em certos valores elementares da sociedade, mas diferenciada de acordo com as posições sociais, com finalidade de desenvolver aptidões diferentes, mantendo o bom

funcionamento da estrutura da sociedade orgânica industrial, caráter esse que se acentua no contexto da pandemia da Covid-19.

Ainda seguindo o pensamento durkheimiano, que aponta a educação tendo como principal função a formação do ser social, ou seja, a formação de um ser coletivo capaz de participar do processo de socialização, no contexto da pandemia, como pensar nessa coletividade tão necessária se a sociedade precisa adotar as medidas protetivas recomendadas para combater a disseminação no novo coronavírus, sendo o distanciamento social uma destas medidas.

Vale ressaltar que, um dos aspectos positivos da EJA, além do acesso à educação, são os encontros diários dos/as educandos/as, o que constitui um fator importante no que se refere ao convívio e interação social. Uma vez que esse público é de maioria trabalhadores/as, que precisa associar o trabalho remunerado, os cuidados impostos pela pandemia, sendo que boa parte são mulheres, fator que acentua as demandas por cuidados e afazeres domésticos.

O que se percebe é que nessa modalidade, para os/as estudantes mais jovens o tempo é imprescindível, visando cumprir os anos necessários para concluírem a Educação Básica, enquanto para estudantes com idade mais avançada, além do interesse em aprender, vão em busca do convívio com seus pares. Esta questão se justifica porque muitos/as deles/as vivem sozinhos/as ou em companhia de parentes mais jovens que trabalham durante o dia, o que impossibilita uma maior interação. Essa interação com os/as colegas e professores/as é de fundamental importância para eles/as, pois constitui um escape da solidão para os/mais idosos/as e da rotina em casa, geralmente conferida às mulheres.

Isso posto, podemos dizer que esta política pública é de fundamental importância, pois atinge um público considerável de pessoas que já passaram da idade escolar e que não tiveram oportunidade de estudar no momento considerado apropriado, em especial as mulheres que apesar das mudanças sociais, culturais e econômicas ocorridas nas últimas décadas, muitas ainda decidem primeiramente constituir uma família correspondendo ao papel social vinculado ao ser mulher, ou seja, ser mãe e esposa. Papel, este que a modernidade tanto nutriu destinando às mulheres.

Um grande problema no contexto brasileiro e que foi escancarado pela pandemia da Covid-19 na educação é a desigualdade social e de acesso a tecnologias, o que na área da Educação causa um abismo entre aqueles que podem dar continuidade ao seu processo de aprendizagem e outros que sequer possuem um dispositivo eletrônico com conexão à *internet* dentro de casa, sendo que as tecnologias educacionais são a principal solução para a situação que estamos vivenciando.

A EJA é formada por uma população de trabalhadores/as estudantes composta por jovens, adultos e idosos/as, maioria com histórico de vulnerabilidade social, que precisou interromper os estudos para trabalhar, cuidar da família, no caso das mulheres há ainda a questão da maternidade, e que para além disso, precisam ajudar no sustento da casa, dentre inúmeras outras situações difíceis. . A pandemia do Novo Coronavírus vem se somar à essa desigualdade social que perpassa principalmente as mulheres estudantes da EJA, traçando um quadro que as deixa ainda mais invisibilizadas, haja vista que ainda está muito arraigado a ideia do patriarcado em nossa sociedade.

Ademais, temos em vista que muitos/as educandos/as, em especial as mulheres, seguem trabalhando – inclusive aumentando em muito suas jornadas de trabalho formal e informal -, cuidando de familiares e filhos, às vezes enfrentando a Covid-19 ou outros quadros de doenças agravadas pelo contexto, como por exemplo, questões psicológicas, a ansiedade, o medo generalizado e a depressão, leva-se a refletir o quão fundamental é o papel do/a professor /a que assume a responsabilidade de estar compartilhando com esse público o conhecimento, de forma que tenham o mínimo de aproveitamento nesta realidade tão caótica.

Para que se tenha uma visão geral dessa modalidade de ensino no contexto do estado de Mato Grosso, entendemos apontar alguns dados específicos que nos apontam as fragilidades dessa política de educação que, segundo dados do Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2020 sobre a modalidade EJA, entre 2009 e 2019, diminuiu em cerca de 1,5 milhão de matrículas sendo que dessas, 83,6% são do Ensino Fundamental, ou seja, esse cenário pode piorar com a pandemia da Covid-19.

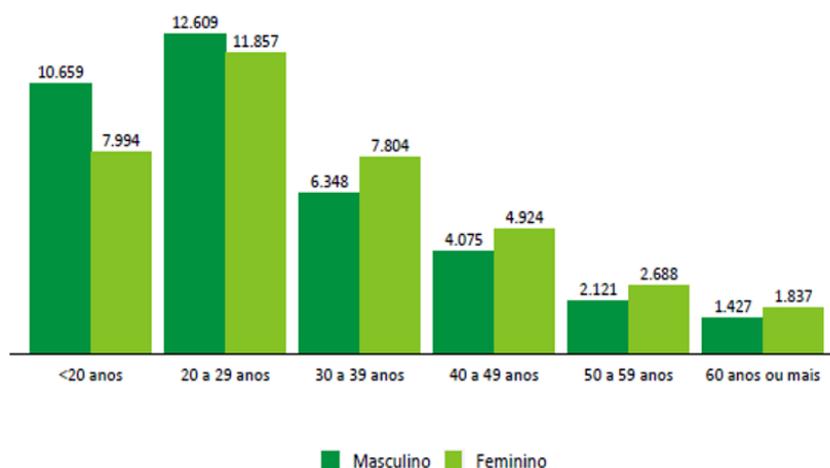
Nesse sentido, é de extrema relevância as mensagens publicadas na Nota Técnica do movimento Todos pela Educação divulgada no mês de abril “**Ensino a Distância na Educação Básica frente à pandemia da Covid-19**”, onde na mensagem número um (01)

já nos deixa bem claro a necessidade de adaptações para amenização dos impactos da pandemia no meio escolar:

No atual contexto de fechamento provisório de escolas, em que alunos estarão sem aulas presenciais, há grande preocupação sobre uma possível paralisação completa do processo de ensino-aprendizagem e de redução dos estímulos que busquem o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos alunos. [...] A literatura baseada em evidências mostra que alunos que têm atividades totalmente a distância aprendem menos do que aqueles com a vivência presencial nas escolas, mesmo levando em conta outros fatores que poderiam afetar o desempenho acadêmico. (Nota Técnica, 2019, p. 6).

Diante do exposto, vale aqui ressaltar que os dados do Censo da Educação Básica do estado de Mato Grosso, publicado em 2020 pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) aponta que a faixa etária de alunos/as matriculados na EJA, onde predomina a idade entre 20 e 29 anos, representando 32,9% das matrículas, sendo que a maioria é do sexo masculino, que representa 51,5% das matrículas, como aponta o gráfico 01.

Gráfico 01 – Número de matrículas na Educação de Jovens e Adultos segundo a faixa etária e o sexo - Mato Grosso - 2019.



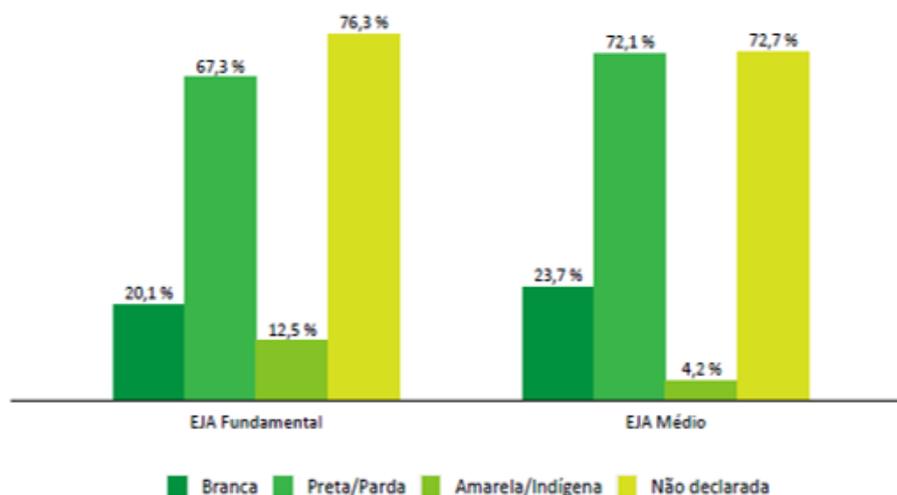
Fonte: Elaborado por DEED/Inep com base nos dados do Censo da Educação Básica.

Informação instigante, é o fato de que, enquanto na faixa etária dos 20 até os 29 anos o sexo masculino é predominante, já a partir dos 30 anos a predominância é do sexo feminino, fato que nos leva a refletir o quanto esse quadro deve ter sido afetado com a

pandemia da Covid-19, justamente com esse público feminino marcadamente afetado pelas novas configurações tanto na esfera doméstica quanto na profissional e educacional.

Pensando do ponto de vista que as desigualdades no Brasil e ainda abordando os dados do Censo, percebe-se que há uma discrepância no quesito cor/raça, pois os dados apontam que os alunos identificados como pretos/pardos representam 67,3% da EJA de nível fundamental e 72,1% da EJA de nível médio em relação à matrícula dos alunos com informação de cor/raça declarada. Os alunos declarados como brancos representam 20,1% da EJA de nível fundamental e 23,7% da EJA de nível médio, como podemos observar no gráfico 02.

Gráfico 02 – Percentual de matrículas na Educação de Jovens e Adultos de Nível Fundamental e de Nível Médio segundo a cor/raça – Mato Grosso - 2019.



Fonte: Elaborado por DEED/Inep com base nos dados do Censo da Educação Básica.

Como podemos observar o EJA é uma modalidade de ensino necessária a um grande número de pessoas, que por algum motivo não tiveram a oportunidade de estudar, o próprio Censo deixa claro a quão diversa é o público que vê nessa modalidade a oportunidade de acesso ao conhecimento letrado. Entendemos que essa política de educação, no entanto, precisa de um novo olhar para que possa alcançar os objetivos que a nortearam em seu princípio, e principalmente no contexto de pandemia.

Apesar de estarmos trabalhando sob a perspectiva do corpo e do cuidado, percebe-se a relevância em apontar as contribuições de Pierre Bourdieu (1998) para se pensar sobre as questões aqui abordadas, principalmente no que tange a educação de jovens e adultos (EJA), pois se faz notória a diferenciação desse público para com os demais dentro da própria instituição escolar. Ressaltando, que diante da necessidade de aderir ao sistema de aulas remotas e *on-line*, há o problema de que as professoras estão sobrecarregadas, tendo que conciliar a docência com a vida privada, sendo assim necessário dividir os espaços físicos e os afazeres domésticos, logo o espaço da casa se tornou também seu local de trabalho.

Quanto aos/as alunos, nem todos/as possuem acesso a uma *internet* de qualidade, sendo que os/as da rede pública de ensino são os/as que estão se sentindo mais prejudicados/as, pois a maioria não consegue acompanhar, seja por conta da acessibilidade como pelo fato de ter um espaço adequado para acompanhar as aulas. Bourdieu (1998) pondera que:

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura (Bourdieu, 1998. p. 53).

Bourdieu (ano) também salienta que a condição familiar do/a estudante também é um fator relevante para o seu desempenho e diante do contexto atual, pois essa condição pode influenciar diretamente na educação desses/as estudantes. Considerando que o número de desempregados/a no contexto de pandemia da Covid-19 teve um aumento significativo, evidencia que pode estar contribuindo para o/a estudante enfrentar problemas econômicos, sair da escola ou diminuir significativamente o seu desempenho escolar.

Diante dessas colocações, passemos a analisar a situação de mulheres estudantes e professoras da modalidade EJA e como estão enfrentando esse momento de pandemia.

Apesar do aumento da inserção de mulheres no mercado de trabalho e nos mais variados campos de conhecimento antes direcionado majoritariamente aos homens, as

mulheres ainda continuam sendo as principais responsáveis pelo trabalho de cuidado, incluindo as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos, sendo que no contexto de pandemia isso tornou-se ainda mais intensificado.

A EJA, enquanto modalidade da Educação Básica, segundo a legislação, tem por objetivo principal resgatar os direitos básicos da cidadania dos/as educandos/as, sendo caracterizada pela heterogeneidade e a diversidade dos sujeitos que a compõem, ou seja, se mostra como detentora de propostas que rompem com modelos escolares socialmente aceitos. Modelos esses, que podem sofrer alterações e percas com a crise da pandemia, por conta da necessidade de se pensar novas metodologias de ensino em todos os níveis da educação, o que nos faz pensar em como esse segmento que precisa de um cuidado específico irá superar e se manter nesse contexto.

Isso posto, a EJA assume um importante papel nesse exercício de reconciliação do homem com a sociedade, do corpo com o todo, sendo que no contexto de pandemia da Covid-19, houve uma ruptura no exercício dessa reconciliação que afeta principalmente as mulheres, que buscam na escola essa interação tão necessária ao ser humano e que quando se está presencialmente em sala de aula e em contato com os demais, como bem coloca Le Breton:

O corpo é o lugar do rompimento, da diferenciação individual, supõe-se que possua a prerrogativa da possível reconciliação. Procura-se o segredo perdido no corpo. Torná-lo não um lugar da exclusão, mas o da inclusão, que não seja mais o que interrompe, distinguindo o indivíduo e separando-o dos outros, mas o conector que une aos outros. Pelo menos este é um dos imaginários sociais mais férteis da modernidade (LE BRETON, 2006, p. 11).

Relacionando a fala do autor com a fala de uma das professoras, fica perceptível como no contexto da pandemia por conta da necessidade de distanciamento social essas mulheres estudantes se sentiram como que desconectadas e perderam momentaneamente o interesse pelo conhecimento. Na fala dessa professora:

Houve uma evasão bem grande de mulheres agora com a pandemia, pois elas alegam que precisam do contato com os professores e com os colegas. Dizem que não têm sentido estudar pelo celular, que precisam ver a professora para entender sobre a aula e que sentem falta da interação em sala de aula, que estão se sentindo incapazes e que não conseguem acompanhar os conteúdos. Eu as entendo, pois muitas vezes, a aula se resume em a gente sentar-se com algumas alunas e apenas ouvir o que elas

querem dizer, sendo que na maioria das vezes, são problemas pessoais delas, que não tem nada a ver com a aula em si, mas que nos veem ali como a única possibilidade de desabafo! (Professora de Sociologia).

Concomitante à fala dessa professora, uma das educandas relata:

Eu tinha desistido, porque eu fiquei desmotivada de estudar pelo celular, pois eu só tenho o celular pra acompanhar as aulas e sinto muita falta dos professores, dos colegas, porque na sala de aula todo mundo se ajuda e aí fica mais fácil, sem contar que era o único lugar pra onde eu saía e tinha contato com gente diferente, sem ser presencial, acaba que a gente perde a vontade e o ânimo para estudar! Eu tenho dificuldade com esse negócio de escrever no celular e aí a gente fica sem graça de ficar mandando áudio pra professora! A sorte é que as professoras já conhecem a gente, daí foram me procurar e me fizeram continuar, apesar das dificuldades! O meu sonho sempre foi de estudar, mas no passado eu tinha que cuidar do meu finado marido e dos filhos, meu marido era muito doente e foi sempre eu que cuidei, agora cuido de meu pai, que já tem 90 anos, e como eu sou a filha mulher, os irmãos acham que só eu tenho obrigação de cuidar, mas eu faço isso de bom grado, porque afinal de contas ele é o meu pai! (Aluna com idade acima de 40 anos).

Percebe-se na fala de ambas, que existe algo mais na relação aluno-professor, algo que foge da simples questão de ensinar e aprender, há um envolvimento de preocupação e de cuidado; nota-se também que essa mulher que cuidou do marido, dos filhos e agora do pai, já tem introjetada a ideia de que o ato de cuidar é algo que está relacionado com o amor existente na relação de quem cuida com aquele que é cuidado, Conforme Angelo Soares, ao abordar “as emoções do care” afirma que:

na verdade, o amor e o envolvimento são dois componentes vistos como inevitáveis, essenciais e positivos na relação entre quem cuida e quem é cuidado. Mesmo quando o trabalho de cuidar é feito no âmbito de uma organização, mediante um pagamento, o amor e o envolvimento, mesmo não fazendo parte do trabalho prescrito, estão presentes no trabalho real, escapando, de certa maneira, à mercantilização. (SOARES, 2012, p. 55).

Na fala de outra professora constata-se que a questão do cuidado precisa ser vista como algo que perpassa também a esfera política, pois em seu relato há uma preocupação sobre o destino desta modalidade de ensino, no caso o EJA pelo fato dessa política não ter o cuidado necessário com esse público de estudantes, esse que é tão diversificado e que precisa de uma atenção especial, segundo a professora,

Eu estou muito preocupada com o destino do EJA aqui na nossa comunidade e em todo o Estado, e principalmente com as mulheres, pois com a pandemia e as aulas por meio tecnológico o Estado esqueceu de pensar que essas mulheres, muitas vezes, não conseguem manusear determinados equipamentos, que as vezes é difícil até para nós enquanto professoras e ainda tem o agravante que se essa mulher está em casa, no horário da aula geralmente é no horário em que elas precisam preparar a janta, pois antes da pandemia elas tinham uma rotina, um cronograma, e que agora elas não estão conseguindo conciliar todos os afazeres domésticos. Eu sinto que o sistema de educação deveria fazer uma política diferenciada para esse público, até para incentivar esses estudantes, tanto mulheres quanto homens! (Professora, área de linguagens)

Analisando a fala das duas professoras, vemos sentido quando Wlosko e Ros (2018), falam sobre a forma de pensar e abordar o trabalho que envolve cuidado: *“Em primeiro lugar, não parece adequado falar em trabalho de cuidado sem analisar as condições de trabalho e o impacto que a organização do trabalho gera na possibilidade de realizá-lo. É necessário analisar o trabalho real que está em jogo em cada caso”*. (WLOSKO; ROS, 2018, p. 181. Traduzido pela autora). Portanto, nos parece complexo para essas professoras trabalharem o cuidado com essas alunas, pois elas também estão precisando se adequar a esta nova forma de ensinar e apresentam dificuldades, pois não tiveram uma formação para esse modelo de ensino.

Na fala das outras duas alunas, percebemos o quanto a pandemia da Covid19 influenciou de forma negativa a vida dessas mulheres e como algumas perderam a expectativa em relação ao estudo e ao conhecimento como um todo:

Eu voltei a estudar esse ano, estava cheia de expectativa, apesar de estar grávida eu imaginei que esse ano seria o ano da minha vitória, já estava fora de aula desde 2012, pois na época, meu marido tinha muito ciúme e brigávamos muito por conta de eu querer estudar, aí eu acabei desistindo para evitar a separação. Agora que voltei, ele não falou mais nada, acho que por que eu estava grávida, parece que homem pensa que quando a gente engravida deixa de ser atraente né? Estava toda feliz, mas aí veio a pandemia, eu tive problemas para concluir o pré-natal, mas aí acabou que deu tudo certo no parto, só que aumentou as minhas obrigações. Parei de assistir aula, mas as professoras vieram e me convenceram a voltar! (Aluna ,34 anos).

Eu voltei a estudar, porque queria sair dessa vida de trabalhar de doméstica, por várias vezes até fui fazer entrevistas de empregos melhores, mas sempre me respondiam que eu até tinha o perfil pra vaga, mais que não podiam me contratar por causa da escolaridade. Só que veio a pandemia e jogou um balde de água fria, pois agora tenho que cuidar de minha mãe que já tem uma certa idade e que não posso deixá-la

sozinha e sempre na hora da aula é que ela acha de ficar me chamando, aí atrapalha muito, a sorte é que as professoras não deixam a gente desistir, estão sempre ligando e fazendo a gente continuar! Eu espero conseguir terminar, porque tô cansada de ser explorada, porque ninguém valoriza quem trabalha de doméstica! (Aluna, 26 anos)

Percebe-se que essas alunas se sentem um tanto quanto desmotivadas com relação a essa nova forma de estudar, no entanto, as professoras desempenham papel fundamental na vida dessas mulheres, pois elas se preocupam com suas alunas, sendo que esta preocupação também deve ser vista como uma relação de cuidado com a outra. Neste sentido, ressalta-se o modelo de cuidado proposto por Joan Tronto (2007), que nos fornece ferramentas bem específicas para a análise pretendida, pois aborda a importância de pensarmos tanto as relações sociais quanto as condições práticas que envolvem o cuidado. Considerando que se pretende analisar as percepções tanto de alunas como de professoras em relação ao cuidado e como isso se dá na esfera da educação é relevante pensar as colocações da autora referentes às implicações de uma divisão entre o problema do cuidado e o mundo da política, dada a amplitude da questão. Sendo que a própria autora já nos alerta para termos atenção sobre algumas definições trabalhadas por autores sobre o cuidado:

Essa definição confunde as muitas formas como os cientistas sociais dividem suas disciplinas e perspectivas: cuidar de si parece uma categoria psicológica; cuidar de outros, uma categoria sociológica; e, cuidar do “mundo”, categorias econômicas e políticas (TRONTO, 2007, p. 288).

Ainda nesta perspectiva em relação as falas das professoras e alunas colaboradoras para esse trabalho, podemos associar ao que Tronto (2007) coloca sobre o cuidar:

Cuidar de algo envolve o reconhecimento da necessidade do cuidado em primeiro lugar. Exige a qualidade especial moral de ser atencioso, de reconhecer as necessidades. Importar-se com algo envolve a suposição da responsabilidade pelo trabalho que necessita ser feito; seu resultado moral óbvio é a responsabilidade (TRONTO, 2007, p.288).

Apesar da abordagem de Joan Tronto nos possibilitar uma análise tanto com relação ao conceito quanto a prática de cuidado, vale ressaltar a contribuição de Batista e Bandeira(2015), com relação à dimensão do cuidado no tocante as mulheres em questão, pois no contexto de pandemia da Covid-19, onde todos precisam se adequar aos novos procedimentos que requer a ocasião, essas mulheres se sentem mais fragilizadas e

portanto requerem uma atenção maior por parte dos professores para não desistirem de estudar. Batista e Bandeira contribuem ao definirem que *“as pessoas envolvidas nas atividades de cuidado, e que em sua maioria são mulheres, mesmo quando não têm uma formação profissional, trazem um arcabouço de conhecimentos e saberes acerca do cuidado que vem de sua experiência cotidiana e que é importante”* (BATISTA;BANDEIRA, 2015, p.). Como é o caso das professoras aqui mencionadas, que por serem mulher, já trazem a experiência de cuidar de sua própria vivência, que para além da profissão da docência, também desempenham os papéis de mãe, esposas e donas de casa.

Uma das consequências da vivência da pandemia e do necessário distanciamento social é a alteração profunda das nossas rotinas em diversos níveis, já que tem sido comum as pessoas se preocuparem mais com a higiene e limpeza das moradias, compras no supermercado, lavagem das roupas e da própria higiene pessoal.

No caso de famílias extensas, é frequente também o cuidado das crianças, adolescentes e idosos/as que moram na mesma casa, sendo que essas alterações de rotina tendem a provocar quadros de esgotamento físico e emocional. No entanto, as mulheres vivenciam em maior grau a sobrecarga e desgaste se comparado aos homens, pois são elas que ainda ficam com grande parte do trabalho reprodutivo, sendo muitas vezes, responsabilizadas pelo trabalho de cuidado a ser realizado no âmbito familiar. A partir das ponderações de Hirata (2016), podemos compreender o que se passa e como essas situações se agravam no contexto pandêmico da Covid-19: Separação e hierarquização das tarefas entre homens e mulheres, concentração das responsabilidades domésticas e do cuidado sobre elas, acúmulo dessas atividades com as do trabalho remunerado, que no caso da maioria das mulheres que estudam na modalidade EJA se trata do trabalho doméstico.

Para tanto, Hirata em seu estudo comparativo entre Brasil, França e Japão sobre o trabalho de cuidado, contribui com a possibilidade de reflexões mais minuciosas acerca da própria distinção entre as noções de trabalho doméstico e de cuidado ao apontar a atividade de cuidado como *“exemplar das desigualdades imbricadas de gênero, de classe e de raça, pois cuidadores são majoritariamente mulheres, pobres, negras, muitas vezes migrantes”* (HIRATA, 2016, p. 54).

O trabalho de cuidado foi exercido inicialmente e ao longo de muitos anos no âmbito do espaço doméstico, sem remuneração e “por amor” (FEDERICI, 2019). Morosamente foi se configurando como profissão através do processo de mercantilização do trabalho feminino de cuidado, anteriormente gratuito e invisível, ou seja, passou a ser visibilizado e considerado “trabalho”, à medida que passa a incorporar formação profissional, promoção, carreira e salário. (HIRATA, 2016, p. 54).

Diante das colocações apresentadas por Hirata (2016) nos fica claro o quanto a doença da Covid- 19 acentuou as desigualdades, pois a ideia de que certos humanos podem ser descartados, desmascara a desigualdade social, cultural e política que destroça a realidade não só do Brasil, mas de outros países.

Analisando que a pandemia afetou as relações sociais, assim como os hábitos e cotidianos das pessoas, na educação básica professores e alunos foram afetados, sendo que mais uma vez podemos comprovar que as mulheres foram prejudicadas nesta pandemia, na medida que elas ainda são vistas como as cuidadoras potenciais, fazendo que muito de seus sonhos vinculados à educação tenham sido minados devido a responsabilidade social, que o trabalho de cuidado tem abarcado para as mulheres, especialmente neste contexto de crise sanitária mundial.

Além disso devemos refletir como esta naturalização do ser mulher enquanto cuidadora poderá causar prejuízos na saúde física e mental das mulheres há médio e longo prazos durante a pandemia e no pós-pandemia, pois elas não se cuidam tanto, pois precisam cuidar e a demanda dos cuidados aumentaram com a Covid-19 (BITENCOURT, 2020)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por finalidade obter maior compreensão sobre a EJA, e através dos relatos das interlocutoras constatar a importância das políticas públicas de educação em tempos de pandemia, no sentido de garantir o acesso e a permanência de mulheres na escola, levando em consideração que, embora a EJA atenda a muitos jovens, grande parte

de seu público são mulheres, que chegam à escola já com uma carga de experiências de vida que precisa ser levada em conta.

Sendo assim, é relevante o desenvolvimento de novos estudos com atenção especial às nuances que envolvem as relações político-administrativas na esfera local, bem como a atuação dos sujeitos coletivos nos espaços de poder deliberativo, instituídos legitimamente nesse contexto, uma vez que, diante do quadro de incertezas nos rumos políticos institucionais do país, a criação do Sistema Nacional de Educação encontra-se em um horizonte cada vez mais distante.

A partir do referencial teórico foi possível conhecer melhor a EJA, e trazendo isto para a prática através da fala das professoras e alunas, nota-se que apesar de todos os avanços a EJA, com a pandemia da Covid-19, tanto as alunas quanto as professoras denotam que a modalidade não tem recebido a devida atenção por parte das políticas de Estado, principalmente no referente a mulher e suas limitações no contexto que estamos vivenciando.

Através desse trabalho foi possível perceber que as alunas passam por diversas dificuldades para conseguirem acompanhar as aulas no contexto de pandemia, sendo que o maior problema para elas enfrentam é não estar na escola presencialmente, mas que apesar destas dificuldades, a força de vontade em aprender e a dedicação e cuidado das professoras fazem com que persistam para superar a condição que a sociedade impõe, como sendo as mulheres as únicas responsáveis pelos trabalhos relacionados ao cuidar e com a precarização do trabalho doméstico essas mulheres veem na escolarização a possibilidade de mudar sua realidade de vida.

A partir desse trabalho, conclui-se que o cuidado deve ser um direito vivenciado em todas as suas dimensões, o que significa assumir que somos interdependentes e que por isso, temos nossas vulnerabilidades e que estas se acentuam quando vivemos a eminência da letalidade da Covid-19, entendendo que neste momento precisamos romper com a visão individualizada e personalista da responsabilidade, para entender a questão do cuidado enquanto uma questão social e também política.

Por fim, entendendo que estamos num momento de transformações, em que todos/as os/as envolvidos/as na educação passam por uma adaptação ao que muitos/as

especialistas tem denominado de “novo normal”, espera-se que o trabalho contribua para uma melhor reflexão sobre os efeitos da pandemia na vida de professoras e alunas da modalidade EJA e os dilemas enfrentados por essas mulheres, que possa ser utilizado também como suporte para futuras reflexões críticas acerca do papel da educação na valorização do conhecimento e respeito à vida de estudantes e profissionais da educação, em especial do segmento abordado.

REFERÊNCIAS

Anuário Brasileiro da Educação Básica, Editora moderna, 2020. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br> acesso em 19/10/2020.

BATISTA, A.S., e BANDEIRA, L. M. Trabalho de cuidado: um conceito situacional e multidimensional. **Revista Brasileira de Ciência Política**, no18. Brasília, setembro - dezembro de 2015, p. 59-80.

BITENCOURT, S.M. A intensificação do trabalho para as mulheres brasileiras no cenário da covid-19. Pensar la pandemia. Observatório social del coronavirus. CLACSO.2020. Disponível em: < A intensificação do trabalho para as mulheres brasileiras no cenário da covid-19 - CLACSO>. Acesso em: 05/02/2020

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

CAPONI, S. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**. 34 (99), p. 209-223, 2020.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FEDERICI, S. O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

HIRATA, H.. El Trabajo de Cuidado. Comparando Brasil, Francia y Japón. **SUR-Revista Internacional de Derechos Humanos**, v.13 n.24 • 53 – 64. 2016.

LE BRETON, D. Sociologia do Corpo. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NOTA TÉCNICA: **Ensino a Distância na Educação Básica frente à pandemia da Covid-19**". Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br> acesso em 20/10/2020

SOARES, A. As emoções do Care. In: Hirata, Helena e Guimarães, Nadya Araújo. **Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care**. -- São Paulo: Atlas, 2012. p.44-59

TRONTO, J. . Assistência democrática e democracias assistenciais. Sociedade e Estado, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308, maio/ago. 2007.

WLOSKO, M.; ROS, C. . La profesión enfermeira y el trabajo de cuidado. puntuaciones de investigación a luz de la psicodinâmica del trabajo y la teoria del care. In: BORGEAUD-GARCIANDÍA, NATACHA. (Org) (2018), **El trabajo de cuidado**, Buenos Aires: Fundación Medifé Edita, colección "Horizontes del Cuidado". p.161-186.